

RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

REDACTORA

GUIOMAR TORREZÃO

1.ª SERIE

LISBOA, 26 DE MARÇO DE 1881

NUMERO 16

GERENTE

HENRIQUE ZEFERINO

EXPEDIENTE

Compram-se n'esta redacção, rua dos Fanqueiros 87, os n.ºs 1 e 3 das «Ribaltas».

CHRONICA ALEGRE

Graças a Deus, a primavera não tem medo dos demagogos. Com um desdem verdadeiramente olympico, á mesma hora em que Magalhães Lima—o tribuno—arripiava os bigodes e dispunha em ordem de batalha os tropos da sua rhetorica dissidente, enliava ella nas amendoeirias os seus collares de perolas diaphanas e desabrochava nas olaias os seus risos escarlates.

Podem muito embora os republicanos intransigentes cantar a Marselheza, o *Te Deum* da liberdade, consoante a phrase do Jupiter da Allemanha, que nem por isso os rouxinoes deixarão de cantar nas balseiras.

Enfiem mesmo, se fizerem muito gosto, á terra a opa vermelha e o barrete phrygio, que nem por isso alterarão a limpidez d'este bello céu azul, unico objecto que os subditos da rainha Victoria, a despeito dos seus bons desejos, e os srs. ministros portuguezes, a despeito da sua generosa abnegação, não poderão roubar-nos.

All right!

Spencer, em uma das suas expansões humoristicas, classifica as intelligencias, segundo a esphera pratica a que pertencem e divide-as em tres categorias:

Intelligencias *terrivoras*.

Intelligencias *herbivoras*.

Intelligencias *carnivoras*.

E as dos amadores da *Marselheza*?

E as dos apaixonados da *Republica*?

A qual dos generos pertencerão as dos promotores dos *meetings*?

Eu desejaría, em proveito da monarchia, que fosse ao segundo, bucolico como um idyllio de Theocrito ou uma pastoral d'Urfé, mas em vista dos instinctos anthropophagos, evidenciados ultimamente nas columnas do *Seculo* por um *discipulo de Littré*, (?) neophyto do positivismo e sectario da idéa nova, (?) inclino-me que seja a terceira.

Desejaría tambem fallar ás leitoras das andorinhas que chegam trazendo no bico o musgo do primeiro ninho e nas plumas das azas o vago aroma dos laranjaes que se enfloram para a cerimonia nupcial da terra rejuvenescida; mas —*hélas!*—o raio de sol primaveril, esse alegre sol, seducção dos namorados e gaudio dos mosquitos, que attrae as andorinhas, arrebatam-nos as cantoras!

E por muito grande que seja o jubilo que experimentamos hospedando as forasteiras nos nossos beiraes, não compensa elle a desolação em que ficam immersos os nossos ouvidos.

Felizmente, para contrabalançar a falta insubstituivel da opera lyrica, que breve exalará o derradeiro alento, ou por outra suspirará a ultima cavatina, a associação 24 de Julho organisa os seus concertos sob a orientação artistica do maestro Olivier Metrá, e em quanto as walsas de Strauss não põem no nosso espirito enlevado a sensação melancolica da ondulação do Rheno orlado de castellos roqueiros e a sensação alegre do baile vertiginoso, o pianista Oscar Pfeiffer encarrega-se de demonstrar-nos, com a sua bella execução elegante, que a França depois de triumphar na po-

litica, nas letras, nas artes e na moda, triumphava tambem ao piano, sendo incomparavelmente mais amavel do que a Russia.

Esta, como não podesse estender até ao Occidente o seu regimen oppressivo, matou o czar só para ter o barbaro prazer de roubar-nos o pianista!

Vinguemo-nos sacrificando mentalmente Rubinstein a Oscar Pfeiffer e repetindo-lhe através de uma ovação um aforismo:

Le roi est mort, vive le roi!

G. T.

PERFIS CONTEMPORANEOS

Herminia Borghi-Mamô

Poucos artistas existem no mundo a quem se possa applicar a phrase axiomatica, *cheguei, vi, venci*. O sol da gloria, exactamente como o astro do dia, só verdadeiramente brilha, aquece e deslumbra quando attinge o zenith. E quantas vezes nem sequer consegue romper a caligem das nuvens e projectar um pallido raio obliquo através das brumas que o envolvem, e que afinal acabam por interceptar-lhe completamente o fulgor pristino.

N'essas brumas que se condensam para muitos em noute cerrada e eterna entibiam-se as almas e apagam-se os talentos.

De tantos chamados, e ninguem poderá negal-o desde que a Escriptura o afirma, poucos são os escolhidos.

Entre essa cada vez menos numerosa legião de genios que fogem completamente á lei fatal que rege os espiritos, destaca o perfil luminoso de Herminia Borghi-Mamo. Contando 23 annos, tendo encetado a carreira do theatro ha pouco mais de seis, Herminia Borghi-Mamo possui já hoje um nome europeu: percebe-se que a estrella que presidiu ao seu nascimento pertence de antemão á constellação radiosa onde fulguram os nomes da Pasta e da Malibran.

Essa extraordinaria cantora poderia dizer como a Beatriz de Shakspeare:—*No dia do meu nascimento, uma estrella dançava no ceo.*

Herminia Borghi-Mamo nasceu no dia 14 de fevereiro de 1858, em Paris. Affirma-se que sua mãe sentira no palco as primeiras dores da maternidade.

Foi pois embalada pela voz potente e harmoniosa de uma das mais admiraveis cantoras que Lisboa tem ouvido, e recebida pela primeira capital da Europa, que a *bambina* predestinada entrou no mundo.

A preadivinção do futuro manifestava-se mesmo antes do nascimento.

A paixão da musica imprimiu logo n'essa alma em flor, desabrochando precocemente ao calor da atmospha artistica que a envolvia, como as gardenias nas estufas, a intuição de um ideal vagamente sonhado. Aos cinco annos a gentil Mimi cantava a cavatina do *Barbeiro de Sevilha* acompanhada ao piano pelo proprio Rossini.

As exigencias de escriptura de sua mãe, então no apogeu da fama, obrigaram-a a separar-se da filha.

Mimi ficou em um collegio em Milão, começando ahi a sua educação litteraria. Foi só aos dez annos que principiou a educação musical da diva, sob a direcção exclusiva de sua mãe. Adquirindo rapidamente a sciencia da musica, descortinando com pasmosa facilidade todos os seus complexos segredos, Mimi tinha já aos 14 annos um repertorio vastissimo de romanzas, que executava deliciosamente.

Coube ao theatro lyrico de Nice e á opera de Verdi *Forza del*

destino a honra de estrear esse talento-peregrino, então no alvorecer dos 17 annos. Seguiram-se as operas *Poliuto*, *Fausto*, *Trovador*, e em cada uma d'ellas um triumpho.

Data d'esse *debut*, realisado em condições de exito verdadeiramente excepcionaes, da carreira gloriosa a grande *virtuosi*.

Herminia Borghi-Mamo cantou successivamente em Florença, Bolonha, Roma, Veneza, Paris, Madrid, Brescia, Sevilha, Bilbao e por ultimo em Lisboa. O seu talento assombroso, já então em pleno desenvolvimento e na posse de todos os recursos prodigiosos provenientes de uma voz extensa, sonora e velludosa, educada por um espirito superior, dotada de uma vista dupla para comprehender e interpretar as figuras lendarias evocadas pelos poetas e a linguagem divinamente melodiosa que os grandes maestros lhe põem nos labios, desdobrou as azas de aguia e encarou de frente o sol.

A platêa de S. Carlos, que, a despeito do epigramma indigena e da ironia desdenhosa com que usa expressar-se a seu respeito a critica, é uma das mais intelligentes platêas do mundo, percebeu logo que tinha na sua presença uma artista de raça e fez-lhe a ovação ruidosa e espontanea que ella raras vezes concede.

Durante as duas epochas consecutivas em que tivemos a felicidade de ouvir-a, a grande cantora revelou-se-nos sob todos os aspectos e abriu perante os nossos olhos maravilhados um templo mysterioso, resplandecente de luzes e aromas, exuberante de canticos, tendo á porta o archanjo do ideal, bello e altivo como uma escultura da Renascença, iniciando e acolhendo os crentes e negando a entrada aos profanos, e atravez das naves sonoras do qual desfilavam essas poeticas e vaporosas concepções, feitas, como a amante de Heine, de raios de luar e de perfumes de rosa, lyras vibradas pelos maestros e enfloradas pelos poetas, que se chamam Alice, Paulina, Leonor, Valentina, D. Anna, Lucrecia, Margarida, Helena, e ás quaes a grande cantora transmittiu não só o encanto poderoso e fascinador da sua voz admiravel mas a scentelha creadora do seu espirito genial.

Bastaria a execução maravilhosa da Paulina do *Poliuto* e particularmente a romanza do 1.º acto, cinzelada com extraordinaria delicadesa, com o escrupuloso amor do artista que sabe imprimir em cada traço uma intenção e em cada nota uma idéa, para que a memoria d'esta cantora eminente, cuja proxima partida vai deixar um vacuo enorme e insubstituivel, ficasse indelevel na memoria de quantos a ouviram.

Ohime! quando nos será permittido tornar a ouvir-a?

E para que essa lacuna fosse ainda menos prehenchivel Borghi Mamo deu-nos ultimamente o *Mephistophes* de Boito e a romanza elegiaca do 3.º acto:

«*L'altra notte in fondo al mare*»

isto é a idealisação de um genio dramatico fundida na synthese de uma obra prima melodica.

Quando essa mulher pallida, franzina, de cabellos soltos e sorriso vago, de olhar velado onde fulge a espagoes a exaltação febril da loucura, prostrada no carcere onde, como nas masmorras medievaes, a luz cae frouxamente, coada pelos varões de ferro, ergue a voz emperlada de pranto, na grande desolação de uma angustia dilacerante, transmittindo á nossa alma a sensação do soffrimento que a punge e a visão dos sonhos que a desvairam, afigura-se-nos que pela imaginação da grande cantora passa esta estrophe de Hugo:

*Quand le peuple au théâtre écoute ma pensée,
... et là, courbé sur la foule pressée,
L'étudiant de près,
Sur mon drame touffu dont le branchage plie,
J'entends tomber ses pleurs comme la large pluie
Aux feuilles des forêts.*

Borghi-Mamo realisa ámanhã o seu beneficio — ou por outra o beneficio do empresario que teve, em proveito da sua algibeira de commendador, a desinteressada e arguciosa lembrança de duplicar os preços — e dentro em breve parte para o Rio de Janeiro, onde a imprensa lhe entretete antecipadamente *bouquets* de adjectivos, de que o publico fluminense ha de começar a perceber a banalidade e a inexpressão quando principiar a sentir a commoção e o des-

lumbramento que exerce sobre todas as almas a apparição de um genio *hors ligne* como Borghi-Mamo.

Em um folhetim elegantissimo, publicado no *Diario da Manhã* de 22 do corrente, afirma-se, com referencia a Borghi-Mamo, que as nossas saudades não encontram reciproca e que a illustre *virtuosi* esquecerá rapidamente Lisboa, *passando optimamente sem nós*. (Textual.)

Permitta-nos o folhetinista que lhe observemos, embora não rebebessemos procuração, que foi injusto e precipitado nos seus juizos.

Respondemos espontaneamente, sem inspiração alheia, mas não nos soffria o animo deixar de pugnar pela verdade, tendo ainda no ouvido as palavras commovidas de Borghi-Mamo, em que alludindo á sua proxima partida de Portugal ella nos dizia com a sua bella eloquencia musical de italiana *pur sang*, que adorava Lisboa e os lisbonenses, e que entre todos os paizes, platêas e jornalistas que se lhe depararam na sua peregrinação artistica, nenhum povo, nenhuma platêa e nenhuma imprensa collocava na elevada esphera estimativa intellectual, moral e social, em que nos collocou, nem as saudades que levava nossas admittiam a possibilidade do receio que lhe expunhamos, de que ella não voltasse a afagar-nos o ouvido com as perolas da sua voz inimitavel.

G. T.

OS BOERS

Vencedores dos Inglezes

Um pequeno povo, ou antes, uma pequena tribu provavelmente desconhecida da maioria dos nossos leitores, e cujo nome ficaria de certo na sombra se não fosse o sangrento revez que as suas armas acabam de infligir á Inglaterra, nas paragens do Cabo Natal, eis o que são os *Boers*. Estamos certos de que serão lidas, com avida curiosidade, as particularidades que extrahimos de uma noticia muito bem redigida e admiravelmente illustrada do *Journal de la Jeunesse*, editado pela casa Hachette.

Em 1652 fundaram os holandezes no cabo da Boa Esperança, extremidade sul da Africa, um estabelecimento colonial. Não tardou muito que este estabelecimento começasse a prosperar e a crescer, quando em 1687, 1688 e 1689, vieram procurar asylo á colonia hollandeza os protestantes que fugiam de França, depois do edito de Nantes.

Como no fim do seculo XVIII rebentassem na colonia revoltas successivas, os inglezes aproveitaram-se da occasião para alli estabelecerem um governador, em 1795. Era o preludio do seu dominio, que teve logar em 1806. O tratado de Paris consummou a perda da rica colonia hollandeza.

Durante alguns annos os colonos holandezes, a que se dava o nome de Boers (camponezes), soffreram pacientemente a dominação ingleza. Mas, quando em 1833 foi abolida a escravatura, os Boers emigraram em massa para a região que se tornou o Estado livre do Orange e Natal.

Este genero de emigração tornou-se, entre os Boers, um habito nacional. E tanto que arranjaram um termo proprio, com sua significação particular, para o designar. Deixar a fazenda e o campo, conduzir o gado e a familia e encaminhar-se para regiões desconhecidas, fugindo ao invasor, exprime-se pela palavra *trekken*, «fazer um trek.»

Em logar de salvar-os a expatriação teve por unico resultado estender a auctoridade da Inglaterra até ao territorio do Natal. O governador do Cabo reclamou os Boers como subditos britannicos; a lucta foi de pouca duração e em 1843 o Natal foi por seu turno proclamado territorio inglez.

Alguns Boers resignaram-se, mas a maior parte, sob o conselho de Pretorius, emprehenderam um novo exilio para o norte, para lá do Vaal, onde lhes foi permittido, em 1852, fundar a republica independente que elles haviam resolvido estabelecer. Este exilio, este «Grande Trek», como lhe chamaram, ficou memoravel e é realmente digno de admiração pela coragem dos desgraçados colonos holandezes, obrigados a abandonar novamente as regiões que elles tinham tornado ricas e ferteis para ir procurar, no meio das mais cruéis tribus de Cafres, uma nova patria e conquistar a liberdade.

No Transvaal poderam julgar-se em segurança até ao dia 12 de abril de 1877, em que sir Teophilus Shepstone proclamou a anexação do paiz ás possessões inglezas da Africa austral.

O Transvaal deve o seu nome, que significa *além do Vaal*, a um affluente do rio Orange. O territorio do Transvaal estende-se pela margem septentrional d'este rio, ao passo que o Estado livre de Orange occupa a margem meridional. Para os habitantes da colonia do Cabo, na extremidade da Africa austral, o Transvaal é perfeitamente a região além do Vaal.

Ao norte o Transvaal estende-se até ao rio Limpopo. A sua superficie equivale a mais de metade da França. Mas a sua população branca é avaliada apenas em quarenta mil habitantes. A população de côr é de muitas centenas de milhares.

A capital do Transvaal é Potscherfstrom, ou com mais exactidão Potscherfroom, cujo nome é composto dos de tres chefes populares dos Boers ou camponezes do Transvaal: Potgieter, Scherf e Stockenroom.

Ao passo que a republica de Orange, fundada pelos Boers, assim como a do Transvaal, ao sul da qual se encontra, demora completamente na vertente oeste da cordilheira de Drakensberg, que separa, na Africa austral, a bacia do Atlantico da bacia do oceano Indico, o Transvaal está sobre esta cordilheira e estende-se até as duas bacias, sem attingir o mar. Entre elle e o Atlantico ha immenso espaço; ao sudoeste o territorio inglez do Natal e ao nordeste o territorio dos zulus interpõem-se entre elle e o oceano Indico. O Transvaal compõe-se de planaltos, que se elevam á medida que se vão afastando do mar. O solo é fertilissimo; encontram-se pastos numerosissimos e a salubridade do paiz permite que os europeus suportem o grande calor d'aquella zona.

Distinguem-se tres regiões naturaes: o Hooze Veld ou alta região, o Banken Veld, ou região das collinas, e os Bosch Veld ou região das florestas. Ha muitos pontos do Hooze Veld, ao sudoeste, que tem uma altitude de 1,200 metros; alguns chegam a attingir e exceder 2,000 metros. O clima é salubre; os mezes de inverno, ou desde o meado de maio até outubro, são frigidissimos, mas muito secos, e a chuva só no verão cabe em grande quantidade.

A região das collinas liga a região alta á região baixa ou das florestas; as collinas são aqui separadas por profundos barrancos, onde correm numerosos regatos orlados de arvores; encontram-se muitos pastos. Os bois vivem ahí todo o anno, ao passo que os carneiros e cavallos só em algumas zonas, particularmente bem situadas, prosperam em todas as estações. Os sitios menos accidentados são excellentes para a cultura.

A região das florestas para o norte e para o nordeste é pouco elevada; nós sitios mais baixos é insalubre, chegando os proprios Cafres a serem atacados de febre. A agua, é em geral amarga, excepto em algumas correntes. A região é toda coberta de arvores gigantes e particularmente de mimosas.

De inverno o gado vive na espessa e pingue verdura do Bosch Veld; mas de verão, salvo em alguns pontos privilegiados, não pode supportar o excessivo calor do clima. Durante quatro mezes do anno os habitantes occupam-se na engorda do gado.

Os campos são aqui como que succursaes dos da região alta. Todos os animaes vivem bem durante o verão. O centeio cresce muito por causa da abundancia de agua, o milho não necessita de irrigação, contentando-se com as chuvas. As arvores depressa dão fructo e a região é rica em minerios.

Foi aqui que, em 1871, se começou a exploração das minas de ouro.

No Transvaal são raras as igrejas; os habitantes só lá vão uma vez cada anno; levam as mulheres e os filhos quando estes já tem feito dezeseis annos, idade em que entram no que elles chamam a Congregação. Para muitos d'elles o caminho é longo de percorrer. E n'um wagon puxado por dezeseis bois que se dirigem para o local mais proximo em que ha o Nademaal. Estes wagons são o seu vehiculo classico e o de toda a Africa austral. E n'estes grandes carros puxados por oito juntas de bois que os Boers atravessam os desfiladeiros dos Drakensberg ou passam os rios a vau.

O Nademaal consiste em uma serie de ceremonias religiosas que duram uma semana. É no Nademaal que os ministros da igreja hollandeza abençoam os casamentos e baptisam as creanças nascidas durante o anno.

Depois cada um toma o caminho de sua casa e só no anno seguinte volta á igreja. Nesta occasião solemne trazem os Boers sapatos e casaco, exclusivamente destinados a assistir á solemnidade. Durante o anno inteiro vestem fatos de pelle de boi feitos por suas proprias mãos. Conhecem um meio de preparar essas pelles, que as tornam tão flexiveis como qualquer tecido. Entre as familias mais pobres, quando uma rapariga casa, pede emprestado o vestido nupcial á sua visinha.

É difficil viajar na Africa do sul sem encontrar a cada passo individuos com appellidos francezes, que indicam a sua origem, descendente dos huguenotes que deixaram a França por occasião da revogação do edito de Nantes. Confundidos ha duzentos annos com os colonos hollandezes, adoptaram-lhes o idioma e os costumes.

D'este mixto sahio a altiva raça dos camponezes africanos que nós chamamos Boers, e elles a si *Afrikander*, raça colonisadora por excellencia, que até hoje serviu de guarda avançada á civilização européa que colonizou a região do Natal, o Estado livre, o Transvaal, que anda hoje nas margens do lago Ngami, e que ha de ser a primeira a penetrar no coração da Africa. Similhanes aos filhos de Israel no deserto, a quem os Boers se compararam, andam ainda em procura da patria. Fogem ao jugo d'aquelle que consideram como seu invasor, o Inglez, cuja linguagem que fingem não comprehender designam pela energica expressão de *verdoemde enguenschman*, inglez maldito.

Nos Boers reconhecem-se perfeitamente os vestigios da sua dupla origem; muitos tem o cabelo e a barba pretos, os olhos azulpardos dos hollandezes, com uma expressão doce e vaga; gostam de rir, com um bom riso franco e aberto. Guardaram no fundo das suas lembranças, herdadas de pae a filho, um logar para a França. Os Boers, ao tomarem posse do solo sobre que vão estabelecer-se, pensam primeiro que tudo, em abrir um lago; o que effectivamente é a cousa mais indispensavel em uma região, em que não ha nascentes, onde são raros os rios, onde faltam absolutamente os regatos. A segunda occupação do boer agricultor é construir a sua casa: para isto, amassa a terra com a agua do seu reservatorio e fórma tijolos que deixa seccar ao sol; em pouco tempo juncta os materiaes necessarios e edifica a sua casa, que se compõe invariavelmente de dous compartimentos, em um rez do chão; uma camada de tinta ou de cal nas paredes e está prompta a operação. A ornamentação é uma superfluidade com que o Boer não se incommoda. A casa tem um só quarto de dormir, occupado pelos leitos destinados aos paes; os filhos dormem no chão, em cima de cobertores, e quasi sempre em cima de pelles.

Todos estes Boers são enormes em altura e grossura, quer sejam de origem franceza ou hollandeza. São com certeza os homens maiores e mais pesados do mundo. Affirma-se que a sua estatura media é de cinco pés e meio, e que em uma só familia chegam a encontrar-se ás vezes individuos que excedem esta altura tres e quatro polegadas. Depressa se fazem homens. O seu alimento habitual é carneiro frito em banha ou antes em sebo.

Os Boers formam hoje tres quartos da população total dos brancos estabelecidos nas possessões inglezas da Africa austral. No Natal contam para mais de metade da população branca; na colonia do Cabo é immensa a maioria; no Transvaal e Estado livre d'Orange ha apenas alguns Inglezes.

Os Boers do Transvaal contam mais de 25,000 cavalleiros de dezeseis a sessenta annos, tendo cada homem dous cavallos. São muito bem armados; é proverbial a sua destreza. Ao alcance do inimigo saltam do cavallo, apontam á vontade, fazem fogo e tornam a montar immediatamente para ir recommear mais adeante a mesma manobra. O general Cunningham considera-os como os melhores atradores e os mais perfeitos cavalleiros do mundo. Possui, além de tudo, este povo a vantagem de ser de uma frugalidade exemplar. Um pedaço de carne secca ao sol, no forro da sella, fornece-lhes a subsistencia de muitos dias.

No fim do anno passado os Boers proclamaram a sua independencia e arvoraram na Pretoria a bandeira republicana, vermelha, azul e branca.

Trad.

MARQUES.

RUMORES DOS PALCOS

Provou-se no theatro de D. Maria o novo drama de Antonio Ennes, *O luxo*.

*
* *

Agradou no Porto a companhia de Emilia Adelaide.
Estreiou-se com a *Therese Raquin*, fazendo Luciano o papel que foi em Lisboa desempenhado pelo actor Alvaro.

O *Commercio do Porto* refere-se com louvor á interpretação, especializando Emilia Adelaide e Luciano, mas fazendo algumas restricções.

*
* *

A illustre prima-donna Vitali assignou escriptura para Vienna de Austria.

*
* *

A soprano Pantaleoni, que canta actualmente em S. Carlos, está escripturada para a futura epocha de Milão.

*
* *

Lê-se no nosso collega *Diario de Noticias*:

«Causou grande enthusiasmo em Madrid o novo drama de Eche-garay, *El Gean Galeoto*, representado pela primeira vez no *Teatro Espanol* d'aquella cidade. O auctor foi chamado á scena mais de cincoenta vezes, e acompanhado a casa por grande numero de amigos que lhe dedicaram depois uma serenata. A *Epoca* abriu uma subscrição publica para ser offerecido um objecto de arte ao auctor, ali já denominado o *Novo Calderon*.»

*
* *

Representa-se brevemente no Gymnasio a comedia em um acto, *Bismarck em Varzim*, original do sr. José de Sousa Bandeira de Mello.

BREVES REFLEXÕES SOBRE O DIVORCIO

(Continuado do n.º 14)

No casamento é preciso que os conjuges agradem um ao outro, que é a lei natural; que cumpram os seus deveres, que é a lei moral; e ainda com sacrificio, que sejam condescendentes para o bem commum, que é a lei social. Que terrivel é a sorte dos que, antipathicos e ralhadores, vivem em guerra aberta, ou a dos indifferentes como dois mortos unidos, penando n'um purgatorio, assim descem á sepultura com saudades do celibato!

Outros ha que casam no paroxysmo da paixão; mas apagado o fogo do amor, são quaes os dyspepticos que, abusando da glotonia, acabam por não digerir, e aquelles, pelo tedio, que é o peor veneno do matrimonio.

O amor conjugal é melhor conserval-o; quando perdido, não se recupera com artificios; a neve, conquanto reflecta o raio de luz, não se penetra com ella; o fingimento é um absurdo fatal; porque, quando acaba o amor, é preciso uma grande virtude para não transgredir.

A mulher, dentro e fóra da sua casa, pela finura de espirito, e condão de affectos, amante, mãe, esposa, filha e irmã domina e democratiza tudo; pela sua influencia governa os reis, dirige os ministros, vence os generaes, aconselha os diplomatas, desamua os banqueiros, e tanto na ingerencia dos negocios publicos, como na distribuição dos empregos, que não pode compartilhar, tem em todos os tempos manifestado a sua preponderancia.

Onde porém, a mulher é admiravel é no centro da sua casa, ao lado do marido e dos filhos, esposa na ternura, conselheira nos trances difficeis, consoladora nos desgostos, e ás vezes ajudando-nos trabalhos da vida; mãe extremosa cria os filhos a seus peitos, e os educa; enfermeira dedicada nas doenças, o seu sacrificio é grande; a sua missão é santa quando mesmo na viuvez occupa o lugar do esposo, dirige, tutela e felicita a sua familia: anjo de paz, como Santa Izabel reconciliando o pae com o filho; heroína como D. Filippa de Vilhena armando os filhos pelo amor da patria; mãe dedicada e academica distincta, qual foi D. Joanna de Mezenes.

O sexo mais amavel deve ser o mais virtuoso, porque a corrupção na mulher produz efeitos mui perniciosos; é por isso que o marido tem por obrigação respeitar sua mulher, guardar o decoro da familia, porque é o fiscal da sua honra—e porque a perfeição é rara, a felicidade conjugal tambem é rarissima.

No hymineu tudo são cantos e palmas, e quem sabe se a noiva, coroada de flôres de laranjeira, envolvida no véo da pureza, terá um dia de tranpor a barra do tribunal para ouvir uma sentença de desquite—por isso o noivado é o crepuseulo de uma aurora nupcial que pode ser brilhante, ou caliginosa—e essa phase, a que poeticamente denominam—lua de mel—é a iniciação dos esposos, em que serenados os animos, satisfeitos os desejos do amor, se manifestam em relevo as suas indoles, e accentuadas aptidões para a vida marital. A noiva, educada na innocencia, vae para a sua camara nupcial, como se entra n'uma casa ás escuras; é preciso que o marido a conduza pela mão, e lhe allumie o futuro sem a fascinar nem lhe estragar o pudor; prepare-a com cuidado e ternura para ser condescendente e officiosa, sem que a malicia e o resentimento lhes mordam o coração.

A belleza é fraco attractivo se não a sublima o juizo, e ás vezes a semrazão do desvanecimento, que é peçonha que contagia a indocilidade e a preguiça, males quasi sempre incuraveis e causas de graves erros; é pois a lua de mel—o noviciado critico da felicidade ou do infortunio conjugal; mormente hoje, em que aos esposos lhes custa o sacrificio do amor pelo do dever, o da liberdade pelo da condescendencia, o da idolatria do mundo pelo do acatamento da familia. Por isso diz o proloquio: «quem pensa não casa, quem casa não pensa.»

Seria uma lei iniqua e immoral a que atrophiasse o coração para não amar, a que inutilisasse os sexos para não gerar. O casamento é pois um acto natural, que prende o homem e a mulher com o amor casto, sobre cuja base a familia eleva a sociedade.

O-celibato é uma aberração do estado social, ou o sacrificio dos prazeres sensuaes a um voto de castidade, ou morbidamente a antipathia dos sexos; é pois o celibato um estado contra a natureza, e quantas vezes o cancro roedor da moralidade! São os solteiros em geral que mais levedam a prostituição, que frequentam a polygamia, e rejeitam a prole espuria; são os polypeiros da corrupção, com que de ha muito luctam a civilisação e beneficencia. Em resumo—o coração da mulher é uma harpa, que precisa de um sympathico Orpheu para lhe vibrar a corda sensivel—o amor.—A casa é o seu reino, a sociedade o seu templo: além, um sceptro de ouro; aqui, um altar de argilla.

Para remediar tantos males, que da sociedade reflectem para o casamento, e o compromettem, seria bom que o legislador, modificando o codigo, que desherda, humilha, inutilisa e esbulha a mulher dos seus direitos perante a sociedade, a procurasse educar, auctorisar e considerar no destino, que a Providencia lhe concede, e que a negligencia de ensino, e despeito lhe destroem; d'ahi essas comedias vulgares e deshonestas—da esposa abandonando a casa e os filhos, ou do marido devassando-se na mancebia e nos vicios; o espectáculo miserando d'essas tragedias truculentas, em que o marido estrangula e apunhala a mulher, ou esta o atraiçoa e envenena; algozes implacaveis, que contra todos os direitos fazem justiça por suas mãos, alevantando contra si o anathema da sociedade e o remorso, que cedo ou tarde os ha de accusar d'essa aleivosia. Se pois um governo providente, compenetrando-se da obrigação que tem de zelar a educação d'aquelles que de futuro hão de servir e honrar a nação, podesse tornar a instrução primaria obrigatoria e fazer com que a educação viesse natural e legitimamente dos paes, seria um grande conseguimento. Que creação podiam transmittir uns

conjuges brutos a seus filhos, que em tudo os querem seus semelhantes? Diz o proverbio: «o sangue e a criação vem de geração.» Que infeliz e pesado é pois o matrimonio entre analfabetos, em que o marido é um tyranno, a mulher uma escrava, e os filhos uns garotos!

Entre as funções organicas, que o homem, soberanamente, exerce em relação a si e á sociedade,— a de gerar,— é sobremodo a mais grave e presiante, quando transmite a vida a filhos robustos e sazes, sem ter concorrido para a muda estatística dos imbecis e dos ineptos, que infelicitam um povo na degredação e no exterminio.

Ah! crede, paes e educadores silenciosos e dissimulados, que as vossas reticencias e escondimentos aos adolescentes vos tornam culpaveis dos muitos abusos e dos grandes erros, que elles commettem inconscios da verdade, allucinados pelas paixões, vergonhosos da innocencia, que lhes não sabe interpretar os segredos do amor, e assim engolfando-se nos gosos do *ignoto* e nos solitarios delirios da phantasia, provam o fructo prohibido, estragando a felicidade do futuro com o vicio e a doença.

A innocencia não deve ser ignorancia, a vergonha não é o pudor, o prazer não é delicto, se aos puberes, avidos de sensualidade os paes e os mestres, com sincera e amiga simplicidade, lhes fizerem a revelação dos seus castos affectos, os advertissem dos perigos das suas illusões, e lhes mostrassem a par do nectar o veneno do sensualismo.

N'essa epocha de electricos desejos, em que a mocidade se precipita na voragem dos prazeres, é que é salva-a do abysmo, e da deshonra, a que muitas vezes se condemna e lhe rouba por toda a vida o sagrado direito da familia.

Creio que somente a educação e a verdade nos conselhos e exemplos poderão livrar a adolescencia das herezias da moral, que tantas vezes a arrasta ao sacrificio da vida pela loucura, e pelo suicidio. São estas as valvulas de segurança para a mocidade.

A natureza abençoa o abraço amavel, e pune a voluptuosidade artificial. Eva fez-se para Adão, e só com ella deve consummar-se o amplexo creador da familia.

Entre o realismo, que se refocilla nas miserias do mundo, e o idealismo que se arrouba nas preeminencias do Olympo, ha a esthetica do bem. A anatomia pathologica do corpo social convirá a quem perscruta os erros e desgraças para evitar as gangrenas; aos adolescentes, porem, ensinarse-lhes-ha a prophylaxia moral sem a exegese dos prostibulos, sem o enojo das asquerosidades: se pelo caminho de rosas nos enfadamos os espinhos, pelo dos pantanos é certo o atolamento.

Para os pessimistas, os horrores da enxovia, do hospital e do cemiterio; para as optimistas as galas da dignidade, do prazer e da apothese, e para ambos a triste verdade de que é preciso conhecer os vicios para estimar as virtudes.

Os extremos são perniciosos á educação da mocidade; nem a cegueira do espirito, com a clausura do corpo,—nem a licença do sensualismo com a vida de soalheiro.

A moral é o nó que mais prende o laço conjugal; a saude é o beneficio do corpo e a alegria do espirito, que mais nos dispõem aos trabalhos e males da vida, e muitas vezes a unica herança que podemos legar a nossos filhos! Que infelicidade pois a do casamento entre tísicos, rachíticos, epilepticos e leprosos, com a certeza de que hão de necessariamente transmittir a sua doença á prole, e com prejuizo da propria vida!

Quando um dia os philanthropos, favoneando menos o egoismo pessoal, ouvirem a voz da hygiene publica, e da economia politica, que nos ensina que menos vale um homem do que a humanidade, e que o sacrificio de um é inferior ao martyrio de muitos, terão dó dos miseraveis, procurar-lhes-ha todos os lenitivos, mas convencer-se-hão de que o casamento entre esses infelizes dá uma geração de martyres sentenciados, o que é o ménos a um acabamento precoce. Eu que todos os dias sou testemunha d'esses tormentos intimos, d'essas dôres fundas, d'essas lagrimas suffocantes, que penalizam os paes, mães e filhos quando doentes, acredito, que os nossos posteros mais humanitarios dirão a esses desgraçados, cujo amor pode ser homicida «podeis amar, mas não gerar», aos pobres, que só podem offerecer á mulher e a seus filhos a fome, o vão de uma escada, ou casa de expostos «não vos caseis»; aos valetudinarios e aos parentes proximos «procurem um conjuge robusto, ou de outra linhagem»

e diminuirão progressivamente os exemplares miserandos de monstros, de idiotas, de cegos, de gagos, surdos-mudos e estereis, que, a par da civilisação moderna, vexam as sociedades.

Malthus apodado hoje, como visionario, será mais tarde erido como um apostolo da verdade, e respeitado como um bemfeitor. E que graves males não resultam para o estado d'essas miserias uniões, que se infelicitam pelo desgosto e muitas vezes concorrem para a separação dos conjuges!

É por isso, que um codigo civil, que desse á mulher mais dignação e autoridade; que reprimisse as demasias do marido; que por todos os meios physicos e moraes melhorasse o estado conjugal, em relação aos meios de subsistencia, ensino dos filhos e crises da viuvez; que aos delinquentes quasi sempre escusos á acção da justiça infligisse mais severos castigos, abrangendo tanto os protagonistas d'esses indecorosos dramas, como os seus comparsas, evitaria os graves damnos, que traz á familia e á sociedade o desquite.

O divorcio, que para os ricos fôra um pretexto para a polygamia pela profusão de meios: para os pobres seria inexequivel pela carencia de recursos, o que era iniquo.

O casamento, quebrada a indissolubilidade, podendo-se distratar como qualquer negocio civil, com a deshonra dos espozos, traria a animosidade das familias componentes, o ludibrio da justiça, e a anarchia da sociedade offendida, e ultrajada com esses ruins exemplos.

Dando a liberdade aos divorciados, ao revez da separação, não haveria castigo para os delinquentes, mas impunidade, é injustiça flagrante para o que tivesse justos motivos de agravo, porque escandalosamente ficava equiparado ao criminoso. Homologada que fosse semelhante lei, o abuso subiria ao ponto de quasi todos se quererem divorciar, ou de quasi ninguem se querer casar, — como aconteceu no tempo de Augusto, em que foi necessario tributar com multctas pecuniarias os celibatarios.

Tirem ao casamento o perfume da religião, quebrem-lhe o vinculo do amor, destruam o prestigio da familia, e verão atulharem-se os tribunales com as causas de prepotencia, de repudio, e de prostituição.

Em resumo, a separação de conjuges e de bens é um grave mal, mas é necessaria para muitos abusos do poder marital e crimes de infancia. Mas, sendo um mal legalisado para prevenir e castigar maiores males, restricta e muito limitada deve ser a sua applicação, porque os erros dos conjuges, com o arrependimento, ainda podem esperar indulgencia. O divorcio pois, que não admite rehabilitação e que traz o desconjunctamento da familia, e pode acarretar reincidencia do mesmo mal em segundo casamento, não deve socialmente admitir-se por escandaloso e prejudicial.

Nec uxor a viro demissa alium accipit virum, vivente viro suo nec vir aliam accipiat, vivente uxore sua.

DR. LUIZ BALDY.

MODAS

Chronica parisiense

Paris, minha querida leitora, não tem tido senão uma unica preocupação—divertir-se!

A grande vida d'esta bella cidade garrida começa precisamente no momento em que a crystallisação do gelo attrahe as formosas patinadoras, que resvalam subtilmente, embrulhadas em pelles azues, pondo na limpidez vitrea do lago immobilisado a sombra de uma aza de andorinha, exactamente no instante em que os salões rasgam o véu do templo, irradiante de luzes e afestado de flores, e saudam o desfilar glorioso das suas deusas, que trocaram as pelles de *frileuse* pelos amplos decotes e pelas espumas de renda que põem nos setins macios e nas sedas de Lyon a transparencia delicada de um frouxel de cygne. Os bailes, os concertos, as noites da Opera, que não tem menor importancia na esphera elegante da alta roda, succedem-se, enchendo os olhos de deslumbramentos e enchendo a chronica de assumptos.

As brilhantes *gommeuses* que encontravamos de manhã patinando no gelo, como as gaiatas marquezas do seculo XVIII, que passeavam,—especie de apparição fantastica e provocante,—enterradas em

partas e reclinadas nos trenós impellido pelos amaveis *talons rouges*, sobre os lagos de Versailles e do Trianon, encontramol-as á noite no baile ou na opera, sob um novo aspecto, não direi mais bello, mas de certo menos frio. O sceptro da patinagem, á qual o desgelo acaba de pôr um ponto final tyrannico, empunharam-o as brancas mãos *potelées* de Mesdemoiselles Mitjens e Röthschild; esta ultima, não contente de possuir milhões, possui tambem uns patins de sylpho que fazem o desespero de varias *frileuses* despietadas. Além d'estas escorregaram tambem á flor da neve, como as aguias das regiões polares, a princeza Catharina de Popiatowska e a formosa condessa Potecka.

Descreverei ás minhas amaveis leitoras algumas *toilettes* da Opera, verdadeiramente esplendidas! Daremos o primeiro logar á da condessa de Montebello. A condessa de Montebello, duas vezes bonita, pelo título e pela formosura, apresentou hontem no seu camarote da Opera um vestido á Luiz XVI, capaz de *turner la tête* inclusivè ao sr. Naquet, inimigo official das fragilidades de coração e campeão acerrimo das garantias do divorcio.

O vestido da condessa desaparecia sob arabescos serpentinos de rendas brancas e finissimas, enroscando-se umas nas outras como cobras e indo beijar-lhe as espaldas, admiravelmente talhadas pelo modelo, já hoje muito raro, d'essas legendarias gregas que ainda agora inspiram os pintores modernos. Uma casaca de velludo azul escuro, quebrada em decote quadrado, guarnecida de rendas, e abrigando no decote um grande molho de rosas escarlates, dava um estranho encanto ás linhas puras e graciosas da physionomia da condessa. O penteado, absolutamente no genero do século XVIII, rematava com uma *aigrette* de plumas.

A rainha Margarida, duqueza de Madrid, vestia de brocado e setim branco, corpete meio decote e diadema de plumas brancas no penteado.

A sr.^a Bischoffsheim trajava um vaporoso vestido branco de setim e crepe, ornado com um molho de plumas côr de rosa desmaiado, collocado no meio do corpete entre-aberto. Plumaz iguaes adornavam-lhe o penteado.

A sr.^a Gunzbourg trajava de setim preto, tendo nos cabellos uma corôa de plumas azues celestes, entrelaçadas com amores-perfeitos.

Seria um nunca acabar se referissemos minuciosamente os detalhes das *toilettes* da sr.^a Lesseps, da duqueza de Maillé, da princeza de Henin, da marqueza de Lambertye, das condessas de Azincourt e d'Argy, da marqueza de Salignac-Fénélon, da sr.^a Bernardi e muitas outras.

Esta ultima ostentava um vestido de setim preto bordado a contas e adornado de ramos de rosas.

As representações particulares, que estão outra vez em moda, disputam os grandes exitos ruidosos aos espectaculos publicos.

Entre outras é digna de menção a do Circulo da União Artistica, concorrida pela fina flor da sociedade parisiense. É uma bella sala inundada de luz e povoada de duzentas senhoras, resplandecentes de formosura e de brilhantes.

Representou-se a comedia em 3 actos *Le Honneur*, sobresahindo nas cadeiras dos espectadores a cabeça espirituosa e ironica e o rosto grave e pensativo de Alexandre Dumas e Augier.

Entre uma infinidade de *toilettes* deliciosas, da marqueza de Meffray, da senhora Legoux constellada de joias, descreveremos apenas a de mad. Corbin, um vestuario Regencia, verdadeiramente fascinador! Avental de setim heliotropo guarnecido de folhos lizos de renda de Inglaterra antiga e muito larga, cauda de velludo heliotropo orlada de uma tira de ponto de Inglaterra. No penteado, pouf de plumas heliotropo, rematado com uma estrella de diamantes; e a de mad. Mahou, vestida á hespanhola, de setim côr de rosa guarnecido de rendas pretas largas; sobre a grande *traine* uma applicação, imitando flores e folhagens, de setim côr de rosa. Molhos de rosas chá no cabelo e no peito e sapatos á Montepan bordados a contas.

Parece que os decotes, que tinham desaparecido da face da terra e do dominio da walsa, juntamente com as velhas monarchias destronadas, reassumem outra vez o seu predominio, não obstante o regimen espartano da Republica.

Na primeira ordem da opera, os collos nus, que tanta falta faziam á rhetorica da chronica desde que tinham passado a ser col-

los vestidos, põem já o seu contorno lizo e branco de marmore rosado pela coloração do sangue e mordido pelas faiscões dos diamantes, tremendo nas gargantas das mulheres bonitas como gotas de orvalho nas petalas das camelias.

Os novos decotes são redondos e baixos e substituem a manga por uma hobreira bordada a perolas, coraes ou diamantes, conforme o enfeite do vestido.

Vou encerrar a minha carta com alguns modelos de vestidos modernissimos.

1.^o *Vestuario para visitas*: — Vestido de cachemira e seda ou cheviot e cachemira liza e lavrada.

Saia guarnecida com um folho alto pregueado, tendo ao centro uma tira da fazenda do enfeite. Tunica de um feitiço inteiramente fóra do vulgar, formando tres palmas atravessadas por uma charpa que vae findar atraz. Corpo de abas. Mantilite-visita de cachemira, enfeitado com franjas e rendas. Chapéo de aba levantada na parte da frente e forrado de seda.

2.^o *Vestuario de trazer por casa*: — Vestido princeza de foulard de quadrados, formando nas costas uma prega Watteau. Guarnece-o um folho alto pregueado e um rufo de seda. O mesmo rufo franzido repete-se nos hombros, no peito, nas mangas e nas algibeiras. Enfeita a parte da frente, de alto a baixo, uma renda applicada em leques e ornada de espaço a espaço com laços de fita. A mesma fita adorna as algibeiras e fórma uma especie de cabeção que remata adiante com grande laço.

3.^o *Vestuario para jantar e concerto*: — Vestido de seda verde claro, bordado a fio de seda rosa e verde musgo de dois tons. Saia guarnecida com um folhinho estreito pregueado e um rufo. Tres charpas bordadas e recortadas formam o avental. Corpete bordado nas abas, no peito e nas mangas, prolongando-se atraz em uma grande aba voltada e orlada do mesmo bordado. Cauda apanhada em pouf e tendo aos lados um voltado bordado, continuando o bordado em torno da cauda, na extremidade da qual ha um folhinho e um rufo chato.

4.^o *Vestuarios de baile*: — O primeiro é de crepe e setim. Saia de crepe enfeitada com dois folhos adornados de fitas estreitas: um avental duplo, dividido por dois largos viezes de setim, sendo a primeira parte listrada de riscas de setim e orlada de uma ruhe, cinge estreitamente a saia, rematando atraz com laços de fita e pontas de crepe e setim. Corpete de setim de bico, decote quadrado, com peitilho formado por muitas ordens de renda estreita: gola Medicis, de setim, guarnecida por dentro de renda. Manga só até ao cotovelo, enfeitada com *plissés* de crepe e setim.

O segundo é de setim côr de rosa desmaiado: saia enfeitada com fôfos ao alto de crepe mil flores; tunica do mesmo crepe, curta adiante e apanhando atraz em graciosos poufs. Corpo decotado e atacado atraz; guarnecem-o laços de fita e bouquets de botões de rosa collocados em diagonal.

Os penteados para baile fazem-se em geral ondeando os bandós, eriçando o cabelo na testa; na parte posterior da cabeça arma-se com o cabelo torcido em corda uma especie de oval, do centro do qual pendem caracões curtos: os mesmos caracões soltam-se na nuca. Um molho de flores, collocado ao lado ou na parte superior da cabeça, completa a *coiffure*.

Nada mais, por hoje.

CONDESSA DE LUC D'ESTRELLES.

As mulheres que matam e as mulheres que votam

(DE ALEXANDRE DUMAS)

Arrancamos a este bello livro um trecho que nos pareceu interessantissimo:

A creatura humana, homem ou mulher, anda continuamente em busca da felicidade; mas a felicidade é relativa e depende dos temperamentos, dos caracteres e dos meios. Cada qual imagina uma ventura particular, e seria louco e bem louco o que julgasse que dando a cada um a ventura particular que deseja, ficaria constituída a felicidade universal. Por outro lado, digamol-o, com o risco de nos ser attribuido mais uma vez um espirito paradoxal, se nem sempre

nos é possível alcançar a felicidade que cubiçamos, podemos sempre fugir ás calamidades que nos ferem, que nada mais são, consenti-me a expressão, do que felicidades que não quizeram *deixar-se gozar*.

Para o homem ha só duas desgraças involuntarias, que elle possa classificar de immerecidas, de que tenha verdadeiramente o direito de se queixar e a que a sociedade deva auxilio e dó: são as que elle pôde encontrar logo que nasce: a miseria e a doença. Além d'estas fatalidades congenitas, aquillo a que elle chama desgraça é sempre obra sua. A vida não realisa todas as suas esperanças, diz-se desgraçado. Cubiça o prazer, a fortuna, o amor, a gloria, a familia! Um dia, o prazer foge, a fortuna voa, o amor engana, a gloria trahe, a familia dissolve-se pela ingratidão ou pela morte; então o homem maldiz do destino, e clama contra a injustiça.

Na realidade a desgraça do homem reduz-se a isto: a não ter sido tão feliz como contava, como se arrogava o direito de ser. Se este homem que de tudo se queixá guardasse para si o que tão bem sabia repetir aos outros, quando os ouvia lamentarem-se pedindo-lhe que os consolasse: que o prazer é ephemero, que a fortuna é inconstante, que o amor é frivolo, que a gloria é enganadora, que o filho é mortal e muitas vezes ingrato, não teria conhecido as desgraças que em vez da ventura esperada lhe causaram a familia, a gloria, a fortuna e o prazer. Jogou com o sentido de ganhar, perdeu, pagou. Que remedio? Bastava não ter jogado.

O homem que não se casa, está isento dos dissabores, dos perigos, dos pezares do casamento; o homem que não tem filhos está isento de os perder e de lhe serem ingratos; o homem que tem com que viver, que com isso se contenta e não procura tornar-se millionario está seguro de não perder o que possui; o homem que não tem amante está isento de ser trahido por ella; o homem que não tem ambição de altas posições está isento de ser precipitado das alturas, e pouco cuidado lhe dá que a rocha Tarpeia seja perto do Capitolio. Isto para elle não é mais do que a geographia e architectura. O que faz a desgraça da creatura humana, pondo sempre de parte a miseria e a doença nativas, é basear a felicidade em cousas transitorias, as quaes, em se desconcertando pela lei da consumpção e das metamorphoses, deixam no vacuo, na estupefacção e no desespero os que n'ellas se fiaram. O ente que se liga só ás cousas eternas não terá que soffrer estas desgraças. D'aqui provém a serenidade dos grandes philosophos; o seu desprezo benevolo, caridoso e brando pelos infortunios humanos cuja causa elles encontraram nos erros e fraquezas da cubiça humana. Não ha dolos, não ha fatalidades, não ha recriminações para os que se entregam ao amor exclusivo, sem calculos e sem ambições terrestres, da natureza, de Deus, da arte, da sciencia, da humanidade.

Logo, não mais acção, não mais movimento, não mais ideal, não mais esperanças; e por consequente não mais aspirações não mais ligações, não mais familias, não mais sociedades! Logo a vida, não dos animaes, que obedecem ainda a instinctos, a necessidades, a emoções, a sentimentos, a vida porém dos automatos e das machinas, ou então um mundo de racionadores, de santos, de contemplativos, extasiando-se perante a creação sem nada pedirem, sem nada comprehenderem na creatura, e, finalmente, a esterilidade e a morte para evitar a illusão, a necessidade e a dôr.

Trad.

L. Trindade.

BIBLIOGRAPHIA

Vão brevemente sair a publico dois livros novos do grande romancista, o sr. Camillo Castello Branco.

Intitulam-se, *A brazileira de Prazins*, romance naturalista, ao qual deverá seguir-se *Prendas dos nossos primos*, (estudos humorísticos em familia acerca da mesma).

A edição d'estes dois livros que vão opulentar a litteratura portugueza pertence á acreditada casa Chardron.

*
* *

O novo ministro de Hespanha, acreditado n'esta côrte, que se espera de um dia para o outro, é o sr. Valera, autor do *D. Faustino*, romancista de primeira plana e escriptor festejadissimo.

*

* *

Distribuiu-se o n.º 4 da *Bibliographia portugueza e estrangeira*, editada pelo sr. Ernesto Chardron. Contém artigos dos srs. Camillo Castello Branco, Julio de Mattos, Sophia Amelia, Alexandre da Conceição, Rodrigo Velloso, padre Castro da Cruz e Guiomar Torrezão.

*

* *

Recebemos o n.º 6 do *Jornal do domingo*, dirigido pelo sr. Augusto Garrido e illustrado com bellissimas gravuras. É uma publicação nitida e interessantissima.

CARTEIRA DE UM FANTASISTA

Sanglôts du cœur

Antes d'inspirar el dia
Vi morir á mi speranza.

ZARATÉ.

Pourquoi quand toute la nature
Au gai printemps semble sourire,
En mon âme une plainte murmure,
Et mon cœur tristement soupire?

Les oiseaux voltigent gaiement
Dans les prés émaillés de fleurs,
Mais parmi leur gazouillement
J'entends les sanglôts de mon cœur!

L'hirondelle toujours joyeuse,
Révenue avec le printemps,
Me trouve triste et rêveuse
Et je la salue en pleurant!

En vain mille oiseaux charmants
Viennent chanter près de moi...
À la douceur de leurs accents
Ne se mêle pas ma voix!

La nature verdoyante,
Oui! sourira désormais!
Mais en vain elle m'enchantera...
Mon cœur est triste à jamais!

Oiseaux tendres et mélodieux
Qui frédonnez dans nos verts bois,
Si à vos ramages harmonieux
Se mêle soudain une voix:

Arrêtez!... cessez vos chants...
Imprégnés de joie — de bonheur!
Car ces accents plaintifs-touchants...
Ce sont les sanglôts de mon cœur!

S. Paulo.

SYBILLA.

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

RIBALTAS E GAMBIARRAS REVISTA SEMANAL

Publica-se aos domingos e vende-se em todos os theatros

PREÇOS

Cada numero..... 20 réis | Rio de Janeiro—Assignatura
Lisboa Assignatura de 25 nu- | de 25 numeros... 2\$000 réis
meros..... 500 » | Assigna-se em casa dos srs. Sousa Tei-
Rua dos Fanqueiros, 87. | xeira e Moraes Calabre—95, Rua dos
Ourives, 95.

PRESENTES

É bem conhecido o bom gosto dos objectos que expõe o CENTRO COMMERCIAL. Ali se vê o que ha de melhor em Paris, proprio para offerecer á mais aristocratica dama ou ao mais distincto cavalheiro. SEMPRE NOVIDADE. Regalos e Luvas aromatisadas.

LISBOA — Rua Aurea, 120 a 124.

PORTO — Praça de Carlos Alberto, 11, 12, 13 e 14.

ALMANACH DAS SENHORAS PARA 1881

POR

D. GUIOMAR TORREZÃO

PUBLICADO SOB A PROTECCÃO

DE

Sua Magestade a Rainha

11.º ANNO DA SUA PUBLICAÇÃO

À venda em todas as livrarias.—1 volume com 407 paginas
PREÇO 240 RÉIS

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ

POR

FRANCISCO DE ALMEIDA

ESTÁ PUBLICADO O 19.º FASCICULO

PREÇO 400 RÉIS

Assigna-se na administração e empreza

Antiga livraria Zeferino

87, RUA DOS FANQUEIROS—LISBOA

P. J. A. CAMBOURNAC

OFFICINA A VAPOR DE TINTURARIA

14 E 16 LARGO DA ANNUNCIADA

420, Rua de S. Bento

LISBOA

EL MUNDO ILLUSTRADO

BIBLIOTHECA DE LAS FAMILIAS

HISTORIAS, VIAGENS, SCIENCIAS, ARTES E LITTERATURA

Um fasciculo de 32 paginas por semana com 64 columnas de texto
muitas gravuras perfeitissimas

BRINDES TODOS OS MEZES

PREÇOS

Trimestre..... 2\$330 Semestre..... 4\$560 Anno..... 9\$120

Recebem-se assignaturas na redacção do Almanach das Senhoras, Rua de S. Bento n.º 218.

RIBALTAS E GAMBIARRAS REVISTA SEMANAL

ACCEITAM-SE ANNUNCIOS

Na Livraria ZEFERINO

87, Rua dos Fanqueiros—Lisboa

CADA ESPAÇO 400 RÉIS

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao proprietario-gerente Henrique Zeferino.

LUVAS A' BON MARCHÉ

O CENTRO COMMERCIAL, expõe a melhor luva que se pôde manipular em pellica russiana, franceza e nacional aromatisada com o mais distincto perfume oriental. Preço de luva com 4 botões para dama e com 2 para cavalheiro são 500 réis!!! Enviam pelo correio a troco de estampilhas. Fazem abatimento para exportação.

DEPOSITOS PRINCIPAES

LISBOA, Rua Aurea, 120 a 122—PORTO, Praça de Carlos Alberto, 11, 12, 13 e 14.

Ha luvas aromatisadas para todos os preços no Centro Commercial.

A ARTE

PUBLICAÇÃO MENSAL DE LITTERATURA E BELLAS ARTES

Adornado de gravuras em madeira e aço
tanto nacionaes como estrangeiras, representando monumentos
historicos, objectos artisticos
e archeologicos, copias de quadros celebres, etc.

EDITOR

ESCRIPORIO

DIRECTOR

Christovão N. Rodrigues 145, Rua do Norte, 1.º N. Sousa e Vasconcellos

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA (paga adiantada)

Portugal Trimestre 900 | Semestre 1\$800 | Brazil Semestre..... 6\$000
Anno..... 3\$600 | Anno..... 12\$000

TABACARIA NEVES

TEM UM VARIADO SORTIMENTO DE TABACOS NACIONAES E EXTRANJEIROS

VINHOS ENGARRAFADOS

FLORES E ARTIGOS DE CORTIÇA

PRAÇA DE D. PEDRO, 42 e 42

Vende varios jornaes e entre outros as

Ribaltas e Gambiarras

103

RUA AUREA

OURIVESARIA

PEDRO MOREIRA

Especialidade em objectos de ouro e de prata proprios para BRINDES

103—RUA AUREA

MUSICAS

PARA PIANO E PARA PIANO E CANTO

OPERAS COMPLETAS DOS MELHORES AUCTORES

À 300 RÉIS

EDIÇÕES NITIDAS E CORRECTISSIMAS

LIVRARIA ZEFERINO—Rua dos Fanqueiros, 87